

A dinâmica dos homicídios no Nordeste e em Pernambuco

José Maria Nóbrega Júnior

Pesquisador do Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas e da Criminalidade (NICC) da UFPE

O objetivo deste artigo é analisar a dinâmica das mortes por homicídio no Nordeste, região mais violenta do país em termos desse tipo de crime. Indicadores de homicídios foram analisados para todos os estados nordestinos, com ênfase em Pernambuco. A análise dos números demonstra um crescimento das mortes violentas e intencionais na região pelo menos desde o início da década de 1990, com maior impacto nos últimos 10 anos, chegando a ultrapassar os números do Sudeste em 2006. Buscou-se tabular esses números por grupos como faixa etária, nível de escolaridade e por regiões de Pernambuco, revelando-se as diferentes dimensões dessa dinâmica.

Palavras-chave: homicídios, dinâmica, Nordeste, Pernambuco, violência

The aim of the article **The dynamics of homicides in the Northeast and Pernambuco** is to review the dynamics of deaths by homicide in the Northeast of Brazil, the most violent region in the country in terms of this kind of crime. Murder rates were analysed for all the North-eastern states, with special focus on Pernambuco. The statistical analysis shows a growth in violent and intentional deaths in the region at least since the start of the 1990s, peaking in the last 10 years and surpassing the figures for the Southeast in 2006. Associations were then sought with groups like age group, level of schooling and by regions of Pernambuco, revealing the different dimensions of the dynamics.

Keyword: homicides, dynamics, Brazilian Northeast Region, Pernambuco, violence

Introdução

O Nordeste brasileiro é conhecido como a região mais pobre do Brasil. Não obstante, seus indicadores socioeconômicos vêm apresentando considerável melhoria nos últimos 10 anos. Os programas sociais do governo tiveram fatia importante em tal melhoria (NÓBREGA JÚNIOR, 2010). Contudo, quando o foco da análise social é a violência homicida, o resultado impressiona. Em uma série histórica que tem início em 1996, o incremento percentual nos números absolutos de homicídios ultrapassa os 100% (1996-2008). O propósito deste artigo é analisar a dinâmica dessas mortes violentas em suas diversas facetas¹. Quais os grupos mais vitimados? Quais as variáveis mais importantes para a vitimização? Como se deu o processo evolutivo nas taxas de homicídios? Esses são alguns questionamentos a que busco aqui responder.

Recebido em: 21/08/10

Aprovado em: 21/10/10

1 Para uma apresentação do estado da arte dos estudos empíricos sobre homicídios no Brasil, ver: Nóbrega Júnior, Zaverucha e Rocha (2009).

A metodologia de análise é de estatística descritiva, apresentando os níveis de relação entre as variáveis estudadas. O banco de dados majoritário foi resgatado no Sistema de Informação de Mortalidade do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (SIM/DataSUS), do Ministério da Saúde, e será explicado em seção específica. Não obstante, utilizei outro banco de dados, o da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco (SDS-PE), na análise da dinâmica nas regiões de desenvolvimento em Pernambuco.

1. Métodos de catalogação dos bancos de dados de homicídios

Um dos maiores problemas enfrentados pelos estudos científicos em violência, criminalidade e, especificamente, homicídios, está na forma como as informações são catalogadas. Não há uniformidade nos bancos de dados e as secretarias estaduais de Segurança Pública não repassam de forma padronizada suas informações sobre violência para a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp). O banco de dados que apresenta uniformidade e padronização estadual em nível nacional é o SIM/DataSUS, sobre informações de mortalidade do Ministério da Saúde.

Sob o termo “criminalidade violenta”, a Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS-PE) agrupou todas as modalidades de infração codificadas no Código Penal Brasileiro, as quais se materializam como sendo aquelas em que o uso intencional da força ou coerção levou a óbito a vítima da violência.

Os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) seriam aqueles nos quais houve morte da vítima categorizada por homicídio doloso, ou por roubo seguido de morte (latrocínio), ou lesão corporal seguida de morte. Os dados referentes às vítimas de crimes violentos são extraídos do banco de Crimes Letais Intencionais (CLI), integrante do Sistema de Informações Policiais da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (Infopol/SDS-PE), criado em 2003. Esse banco é alimentado a partir da apuração dos casos constantes nos Relatórios Diários de Necropsia dos Institutos de Medicina Legal de Caruaru, Petrolina e Recife e do Relatório Diário da Coordenação de Plantão da Polícia Civil (Unicodplan/PCPE).

Informações complementares recuperadas dos relatórios da 2ª Seção do Estado-Maior da Polícia Militar de Pernambuco (2ª EM/PMPE), dos relatórios de perícia dos Institutos de Criminalística de Pernambuco e dos Boletins de Ocorrência da PCPE, armazenados também no Infopol, consolidam o banco de dados do estado de Pernambuco, que vem evoluindo.

De toda forma, as informações sobre homicídios ainda estão longe de uma condição ideal. Carecem de confiabilidade por diversos motivos e, portanto, merecem algumas considerações.

Os Registros ou Boletins de Ocorrência na Polícia Civil: não há uniformidade nas informações, há carência de pessoal qualificado para a catalogação dos dados e as codificações dos crimes não são claras:

Os registros policiais são classificados geralmente segundo os critérios jurídicos ou operacionais das próprias polícias. Assim, nem toda morte intencional é classificada pela polícia como homicídio. Por exemplo, os infanticídios, os latrocínios (roubos seguidos de mortes) e as mortes de civis em confronto com a polícia não costumam ser incluídos nos totais de homicídios elaborados pelas polícias. (...) há também casos em que o cadáver é encontrado ('mortes suspeitas' ou 'encontros de cadáver') sem que se saiba exatamente como o óbito aconteceu" (CANO e RIBEIRO, 2007, p. 53).

Essa nota demonstra que não há uniformidade nacional nas informações geradas pela polícia, o que mostra falta de *accountability*² por parte das polícias e dos gestores estaduais de segurança neste quesito.

Os cadastros nas secretarias estaduais de Segurança Pública: geralmente seus bancos de dados são controlados pelos agentes do governo do momento. Muitos demonstram números que na verdade não existem, algumas vezes mascaram a realidade e trazem para a imprensa informações de forma a favorecer o governo de plantão. Os pesquisadores e cidadãos comuns que querem ter acesso a essas informações sofrem restrições a elas e os bancos de dados não tem uniformidade cadastral, diferentemente do que ocorre com o do Ministério da Saúde, o DataSUS.

2 O conceito de *accountability* aqui utilizado reporta ao que O'Donnell (1998) definiu como sendo *accountability* horizontal. Ou seja, destaca o papel das instituições e dos atores institucionais.

Os dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do DataSUS são bem mais confiáveis. Seu processamento é realizado de forma homogênea em todo o território nacional, conforme as Classificações Internacionais de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS), por agentes treinados para isso. As bases das informações são as declarações de óbito preenchidas por médicos e coletadas por meio de cartórios. A informação de cada estado alimenta o SIM, que apresenta uma série temporal nacional de dados de homicídios desde 1979. A declaração de óbito é necessária para a emissão de certidões de óbito pelos cartórios e para o sepultamento de corpos. A cobertura do sistema é razoavelmente alta, pelo menos nas áreas mais desenvolvidas do país (CANO e RIBEIRO, 2007). No entanto, problemas de cadastramento sempre existirão. A redução desses problemas está atrelada ao aperfeiçoamento do sistema.

Os dados da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco passaram por tratamento mais esmerado a partir de 2003, já os do SIM/DataSUS vêm evoluindo desde o início da década de 1980, o que acarreta maior experiência/confiabilidade. Os dados do DataSUS vêm sendo trabalhados uniformemente em todo o território nacional e estão disponíveis na rede mundial de computadores³.

O SIM é gerido pelo Departamento de Análise de Situação de Saúde, da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), em conjunto com as secretarias estaduais e municipais de Saúde. As secretarias de Saúde coletam as declarações de óbito dos cartórios e entram no SIM. A informação *primordial* é a causa do óbito, que será codificada a partir do declarado pelo médico atestante, obedecendo às regras internacionais estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em 1996 as declarações de óbito passaram a ser codificadas sob a 10ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID), que reformulou o processo de catalogação, no qual as mortes por causas externas geradas por violência letal intencional foram codificadas como X85-Y09 (“agressões”), que são todas as mortes violentas letais e intencionais praticadas no período analisado. A CID-9 codificava essas mortes como “homicídios”.

3 Não obstante, estados como o Piauí e o Maranhão ainda carecem de melhoria no processo de catalogação.

O SIM/DataSUS coleta aproximadamente 40 variáveis das declarações de óbito, entre elas algumas fundamentais para os estudos de vitimização: faixa etária, sexo, estado civil, cor da pele, local de residência, local de ocorrência, capitais, municípios, regiões, microrregião, região metropolitana, escolaridade, mortes provocadas por meio de instrumento perfurocortante, armas de fogo, objeto contundente, afogamento etc., completando uma série de opções que nem de longe os bancos de dados das secretarias estaduais de Segurança Pública e as polícias civis e militares conseguiriam gerir⁴.

Dessa forma, concluo que o banco do SIM/DataSUS é muito mais coeso e sistemático que o da SDS de Pernambuco e das demais unidades da federação. Seu procedimento de base de dados consolidado é muito mais eficaz e traduz melhor a realidade das mortes por agressão/homicídios no Brasil, sendo, por isso, mais perspicaz e racional trabalhar com os dados do SIM na análise quantitativa da vitimização homicida em nosso país.

2. Dinâmica dos homicídios no Nordeste brasileiro

A evolução dos homicídios como um indicador de violência no Brasil vem tendo uma sequência histórica de dinamismo crescente. A média de incremento das taxas de homicídio sobre a população total no país foi de aproximadamente 6% ao ano até 2002. A tendência de queda nos números absolutos nos últimos três anos da série histórica (1996-2007) deveu-se à redução expressiva dos indicadores de homicídio no estado de São Paulo (NÓBREGA JÚNIOR, ROCHA e SANTOS, 2009) e ao Estatuto do Desarmamento (SOARES, 2008).

Em 1980, 13.910 pessoas foram assassinadas no Brasil (SIM/DataSUS). Esse número mais que dobrou em 1990, chegando a 31.989 casos. Em 2003, atingiu 51.043, um crescimento refletido no avanço da taxa, que praticamente triplicou. Em 1980 a taxa de homicídio foi de 11,7 por 100 mil habitantes, e, em 2003, essa taxa alcançou 29 homicídios para os mesmos 100 mil habitantes.

⁴ Disponível no site <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>

O Nordeste brasileiro vem apresentando crescimento constante de mortes pelo código para “agressão” desde 1996. De 1996 (8.119 mortes), a 2008 (16.729), o incremento percentual nos números absolutos ultrapassou os 100%. Afora os anos 1998, 1999 e 2004, todos os outros tiveram crescimento⁵. Conforme pode ser verificado na Tabela 1, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e o Distrito Federal apresentam taxas de homicídio superiores à nacional. As regiões Sul e Sudeste são as únicas com taxas inferiores à da média do país. Contudo, somente o Sudeste vem apresentando queda nesses indicadores.

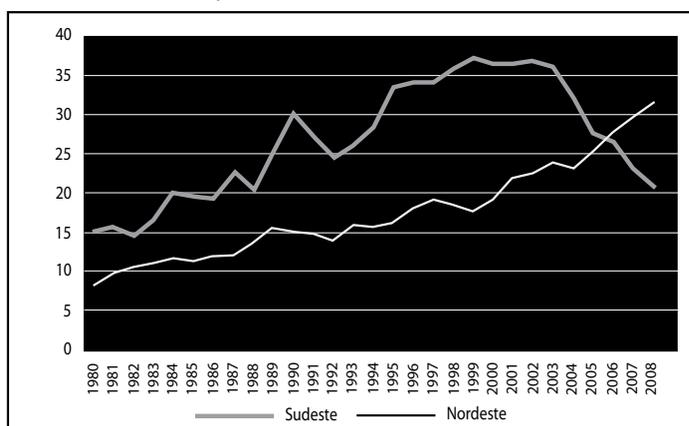
Tabela 1 – Taxas de homicídios nas regiões brasileiras – 2008

Região Norte	30,9
Região Nordeste	31,5
Região Sudeste	20,5
Região Sul	24,0
Região Centro-Oeste	30,3
Distrito Federal	31,6
Brasil	25,6

Fonte: SIM/DataSUS. Taxas: Nóbrega Júnior (2010)

O que difere de forma destacada a Região Sudeste da Nordeste é que a primeira vem apresentando decréscimo contínuo de mortes por agressão nos últimos seis anos da série histórica de 1980 a 2008. Todas as regiões, com exceção da Sudeste, demonstram tendência de crescimento na série analisada. Contudo, a Região Nordeste tem maior impacto percentual no crescimento agregado (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Taxas de mortes por agressão – Nordeste e Sudeste – 1980 a 2008 (mortes por 100 mil habitantes)



Fonte: SIM/MS. Taxas: Nóbrega Júnior (2009)

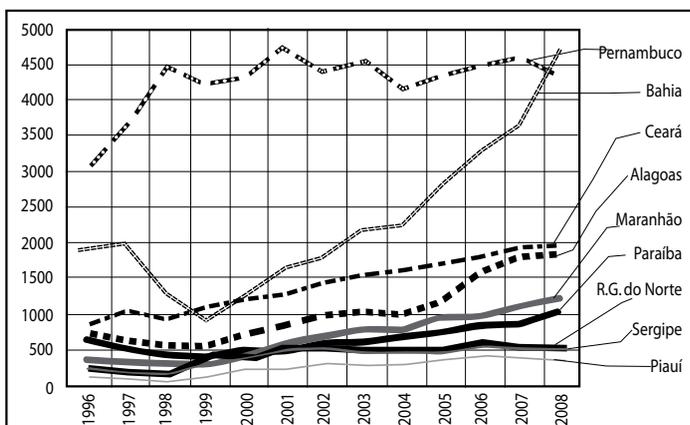
5 As regiões Nordeste e Sudeste são as mais violentas, com destaque para a primeira, que, nos três últimos anos da série histórica aqui avaliada, supera a segunda em taxas por 100 mil habitantes.

As taxas apontam bem o incremento das mortes por agressão, levando em consideração o crescimento da população. Observa-se no Nordeste que as taxas no início da década de 1980 eram menores que a admitida pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Ou seja, menos de 10 homicídios por cada grupo de 100 mil habitantes. O Gráfico 1 demonstra a tendência de crescimento das taxas nos anos posteriores.

No final da série, a taxa é de 31,5 homicídios por 100 mil habitantes. A Região Sudeste segue uma trajetória de fortalecimento das taxas até 2000. A partir daí, a tendência é de queda. No início da série, com 15,2 homicídios por 100 mil habitantes, chegando, em 2000, a 36,5. Não obstante, a redução contínua de suas taxas é visível, terminando a série histórica em destaque com 20,5 homicídios por 100 mil habitantes.

Apesar de o crescimento ser a regra no Nordeste, Pernambuco, Alagoas e Bahia se destacam em relação aos outros estados da região. O Nordeste vem registrando o maior impacto nas mortes desse tipo no país, e esses três estados vêm sendo responsáveis por praticamente 2/3 desses homicídios. A Bahia traz um nível de crescimento bastante acentuado, sobretudo no último quadriênio da série. Após o período entre 1997 e 1999, que registrou quedas, desde 2000 a dinâmica dos assassinatos vem tendo impacto positivo, sem retração. De 1999, com 913 homicídios, até 2008, com 4.709, o impacto percentual nos números absolutos de assassinatos foi impressionante: 430% de crescimento. Alagoas é outro caso preocupante. Com 1.878 assassinatos em 2008, vem contribuindo com quase 12% das mortes por agressão no Nordeste. Entre 2004 e 2008, foram 843 mortes a mais no cômputo geral dos homicídios. Quase 100% de aumento em quatro anos. Pernambuco é responsável por quase 30% das mortes por agressão na mesma área. Desde 2004, os indicadores mostram crescimento constante nesse estado: em 2004, com 4.174 mortes desse tipo, e em 2007, com 4.556 assassinatos, o que corresponde a um crescimento percentual de 9% nos números absolutos. Em 2008, depois de três anos de crescimento, houve queda de 4,6%, com 211 mortes a menos em relação a 2007.

Gráfico 2 – Mortes por agressão em números absolutos 1996 a 2008 – Estados nordestinos



Fonte: SIM/DataSUS (2009)

Pois apesar da proporção dominante desses três estados nos números, outros estados nordestinos apresentaram crescimentos significativos. No Ceará, os indicadores de homicídio cresceram significativamente: desde 1996, os números absolutos (881 assassinatos) cresceram de forma contínua até o final da série histórica, chegando a mais que dobrar em 2008 (1.954), sem nenhum ano de retração. Em suma, houve um incremento aproximado de 122% na série histórica nos números absolutos de homicídios nesse estado. E os outros estados seguem lógica semelhante. Maranhão: em 1996, ocorreram 362 assassinatos, com poucos anos de retração, até se chegar ao patamar de 1.239 mortes desse tipo em 2008 (ou seja, houve um incremento percentual na ordem de 242%). Piauí: crescimento de 203% (em 1996, foram computados 117 assassinatos, evoluindo até 2008, com mais 237 pessoas vitimadas, ou seja, um total de 354 homicídios). Rio Grande do Norte: crescimento de 178% (entre 1996, com 240 assassinatos computados, e 2008, com 669 homicídios catalogados, houve um aumento do número de pessoas assassinadas no estado de mais 429 indivíduos). Sergipe: crescimento na ordem de 134% nos números absolutos de homicídios (em 1996, foram 238 pessoas vitimadas, e em 2008 houve 554 homicídios a mais, ou seja, 792 homicídios). Paraíba: em 1996, ocorreram 636 assassinatos, que, em relação a 2008, que computou 1.027 homicídios, registrou 391 mortes a menos (ou seja, o incremento percentual foi da ordem de 60%)⁶.

6 As causas para o crescimento da violência homicida no Nordeste devem ser analisadas pontualmente em cada estado. Conhecer as limitações institucionais, as relações socioeconômicas e outras possíveis relações causais é de fundamental importância, mas isso escaparia à dimensão deste artigo.

Depois de contemplados os dados agregados para a Região Nordeste, utilizarei como *proxy* para o Nordeste o estado de Pernambuco. Além da preocupação em analisar a dinâmica quantitativa dos homicídios nesse estado, outras variáveis (independentes) serão analisadas: faixa etária, gênero, raça/etnia, escolaridade e estado civil. Essas microvariáveis categóricas são importantes, pois predizem muitas questões de grande relevância em torno dos grupos mais vitimados pelas mortes por agressão e a análise demonstra a relação real com a variável dependente (homicídios). Analisar o impacto de cada variável sobre as mortes por agressão (homicídios), avaliando a relação de causalidade entre elas, é de fundamental importância.

3. Os homicídios em Pernambuco: a dinâmica das mortes letais intencionais

Pernambuco vem demonstrando impacto significativo nos indicadores de violência no Brasil nos últimos 11 anos. Está entre os primeiros do ranking nacional, apresentando altas taxas de homicídio. Desde 1998 vem tendo uma média de mais de 4.400 mortes por agressão computadas nos dois bancos de dados disponíveis, o SIM e o Infopol/SDS (PE). Aqui serão desenvolvidas a dinâmica e a análise das variáveis independentes (faixa etária, arma de fogo etc.) de mortes por agressão (homicídios) para Pernambuco, tendo como referência empírica o SIM⁷.

Gráfico 3 – Taxas das mortes por agressão em Pernambuco – 1990 a 2008⁸



Fonte: SIM/MS (2010)

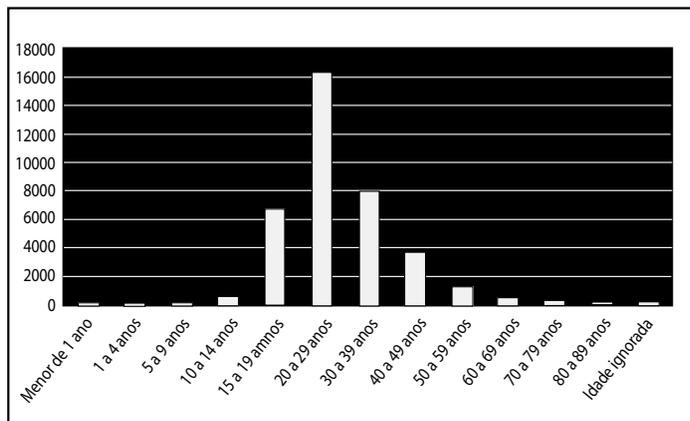
⁷ As mortes por agressão são computadas por residência e não por local de ocorrência.

⁸ Os dados de 2008 são ainda preliminares.

Entre 1990 e 1993, há queda nas taxas de homicídio em Pernambuco. Em 1994, a taxa sai do patamar de 37,6 casos por 100 mil habitantes pernambucanos do ano anterior e cai para 36,4. O período crítico engloba os anos de 1994 a 1998. O estado apresenta uma “explosão” no índice de homicídios por 100 mil habitantes. As taxas saltam de 34,9 para 58,9 entre 1994 e 1998, quase dobrando. De 1998 a 2008, Pernambuco apresenta uma tendência à estabilidade, como pode ser visto no Gráfico 3. Não obstante, a média de mais de 4.400 mortes, com as taxas oscilando entre os 50 e 60 por 100 mil nos últimos 10 anos (1998 a 2008), é preocupante.

Sabe-se que a maioria dessas mortes tem fortíssima relação com a disponibilidade de armas de fogo (SOARES, 2008). Portanto, é de fundamental importância avaliar o impacto dessa variável nas mortes por agressão.

Gráfico 4 – Pernambuco: mortes por agressão por arma de fogo por faixa etária – 2007



Fonte: SIM/MS (2010)

O Gráfico 4 demonstra a forte relação entre mortes por agressão/homicídios provocadas por arma de fogo e a faixa etária. É nítido (e facilmente compreensível) que entre 1 e 14 anos de idade tal impacto é insignificante. Portanto, apenas a partir dos 15 anos é que a vitimização por arma de fogo é crescente. E o grupo de maior risco está justamente entre 15 e 39 anos, com pico de 20 a 29 anos. Em 2007, tomado aqui como exemplo, foram 1.638 mortes no grupo de

20 a 29 anos de idade, correspondendo a 44% das vítimas assassinadas por arma de fogo (total de 3.706 no período). No mesmo ano, foram 4.556 pessoas assassinadas, das quais mais de 80% vitimadas por arma de fogo em Pernambuco.

No que diz respeito ao tipo de arma usado, os homicídios provocados por objetos cortantes ou penetrantes correspondem a pouco mais de 10% do total de mortes por agressão no estado, demonstrando um fator importante, pois os números absolutos de pessoas mortas por objetos com tais características são altos. Por exemplo, nos anos 1998 (com 521 mortes tendo como arma um objeto cortante ou penetrante), 2004 (com 469 mortes desse tipo) e 2006 (com 473), apresentam-se números que variam de 10% a 12% do total dos homicídios do estado (SIM/DataSUS, 2008). Por sua vez, o número de mortes por meio de objetos contundentes é também relativamente alto. Corresponde a aproximadamente 5% do total de mortes por agressão em Pernambuco e vem sofrendo um incremento bastante significativo nos últimos anos. O período de 2002 a 2005 é significativo para o crescimento desse tipo de agressão, quando resulta em óbito da vítima. Houve uma pequena queda, em 2006, mas ainda assim as mortes superam as 270 vítimas. Pode haver alguma relação com o Estatuto do Desarmamento, que vem retirando armas de fogo de circulação desde 2003, talvez implicando um incremento maior da utilização de outras formas de “armas” (objetos cortantes, penetrantes ou contundentes)⁹. Esses objetos foram utilizados em 15% dos homicídios em Pernambuco (SIM/DataSUS, 2008).

Os homens são os mais vitimados. A média de homicídios masculinos para o período de 1996-2007 foi de 3.953 assassinatos. Contudo, não é de se desprezar a violência contra a mulher, que apresenta média de 278 mortes para a série temporal de 1996 a 2007. O sexo masculino corresponde em média a 90% dos casos de vítimas de agressão. As mulheres ficam em torno de 8% a 10% dos casos (NÓBREGA JÚNIOR, 2009).

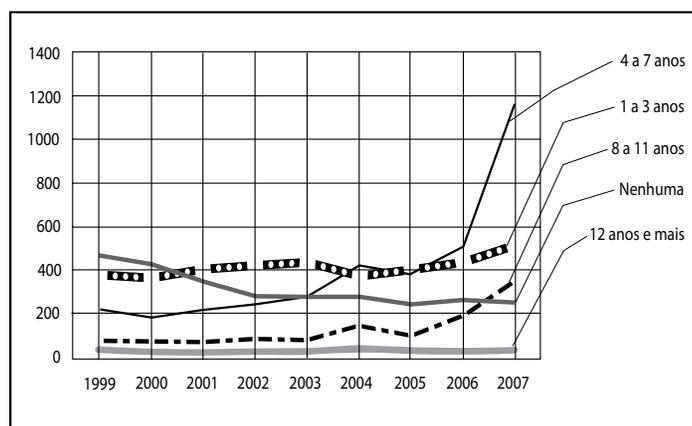
A relação da cor parda/preta (negros) com as mortes por agressão é significativa. Para reforçar essa afirmação, a taxa de pardo/preto em 2000 foi de 69 homicídios por 100 mil habitantes dessas categorias, enquanto a população total teve uma taxa de 54,2 (NÓBREGA JÚNIOR, 2009, p. 245). Avaliando-se os dados de 2006, vê-se que, em termos de números absolutos, os pardos

9 Soares (2008) e Waiselfisz (2008) também sugerem esta relação, o primeiro destacando os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, sem comprovação empírica para transformar a sugestão em relação causal.

e pretos (negros) são vitimados em 84,5% dos óbitos por agressão. Em segundo lugar vem a etnia/cor de pele branca, com 8,5%. Em terceiro, a etnia/cor de pele preta, com 2% dos casos (2006). E as etnias/cor de pele amarela e indígena apresentam diminutos impactos.

Escolaridade é outra variável independente importante nos estudos sobre os homicídios. Analisando-se o Gráfico 5, observa-se que poucas pessoas foram vitimadas por homicídios caso tivessem mais de 12 anos de estudo. Já aquelas que possuem entre 8 e 11 anos de escolaridade apresentam certa estabilidade em termos de vitimização, inferior a 81 mortes por agressão. Isso até 2004. A partir daí, inicia-se uma tendência de crescimento – com exceção de 2005 – nos anos subsequentes da série histórica. No início da série, em 1999, 67 pessoas foram assassinadas com grau de escolaridade entre 8 e 11 anos. Em 2007, final do período analisado, foram computados 349 assassinatos, ou seja, mais de 500% de incremento na série temporal para aqueles que possuem entre 8 e 11 anos de escolaridade.

Gráfico 5 – Pernambuco: óbitos por agressão e anos de estudo – 1999 a 2007



Fonte: SIM/MS

As pessoas que têm entre 4 e 7 anos de escolaridade vêm em terceiro lugar como o grupo mais vitimado até 2003, quando praticamente se nivelam com as vítimas com nenhuma escolaridade. A partir de 2001, há uma tendência contínua

de crescimento de mortes por agressão de pessoas que possuem entre 4 e 7 anos de estudo, destacando-se os anos entre 2004 e 2007, quando os homicídios tiveram um aumento de 284% nesta categoria de escolaridade. Em suma, pode-se concluir que a baixa escolaridade tem uma significativa relação/associação com os homicídios em Pernambuco¹⁰.

Já no que tange ao estado civil, os solteiros são bem mais atingidos que os casados, e estes são mais atingidos que os viúvos (geralmente de faixas etárias mais elevadas, que, como vimos, são menos vitimadas por agressão). Os separados judicialmente são também menos atingidos. A título de exemplo, em 2006, 64% dos vitimados eram solteiros; 12%, casados; e viúvos, separados judicialmente e outros corresponderam a 22% dos casos em termos de números absolutos (SIM/DataSUS, 2008).

Em Pernambuco, a idade média de nupcialidade é de 30 anos entre os homens e de 26,3 anos entre as mulheres (IBGE, 2003), apontando para um fator etário importante: os homens jovens solteiros são mais atingidos, e o grupo mais vitimado está abaixo dos 30 anos de idade e acima dos 15 anos, como foi visto na análise das mortes por agressão *versus* faixa etária.

4. Os homicídios nas regiões de Pernambuco

Apesar da pequena redução dos homicídios no estado entre 2006 e 2008, seguindo os dados da Infopol/SDS-PE, seu crescimento na maioria das regiões do interior de Pernambuco aponta para outra preocupação nos estudos sobre os crimes de morte. A redução do número absoluto para todo o estado refletiu-se na pequena redução da taxa, menos de 2%¹¹. Isso não encontra correspondência nos dados desagregados por região de desenvolvimento e por municípios em muitos casos. Alguns deles mostram crescimento de mais de 30%. Com exceção da Mata Norte, do Sertão do São Francisco, e da Região Metropolitana do Recife¹², todas as outras regiões de desenvolvimento demonstraram crescimento nos seus indicadores de mortes por agressão/homicídios/CVLI. Portanto, pode-se afirmar ser mais frequente a violência homicida nas cidades interioranas.

10 O gráfico inicia-se em 1999 porque em anos anteriores mostram-se ausentes os dados para as variáveis anos de escolaridade de 1 a 3 anos, de 4 a 7 anos e de 8 a 11 anos. De 1999 em diante, a qualidade dos dados vem melhorando, apesar de existir ainda grande quantitativo de dados ignorados de homicídios quanto aos anos de escolaridade. Por exemplo, dos 4.556 assassinatos ocorridos em 2007, 2.212 não tinham sido catalogados pela variável anos de escolaridade no sistema DataSUS.

11 Em 2006, foram 4.638 mortes por homicídio, com uma taxa de 54,5 homicídios por 100 mil habitantes. Em 2007, foram 4.592 mortes, com taxa por 100 mil de 53,5. Em 2008, foram 4.525 homicídios, com uma taxa de 52 (números absolutos da Secretaria de Defesa Social do estado de Pernambuco e dados populacionais estimados pelo IBGE).

12 Importante destacar que uma queda na RM tem maior impacto na redução de violência homicida como um todo (KAHN e ZANETIC, 2009).

Tabela 2 – Pernambuco: número acumulado de vítimas e crime violento letal e intencional e taxas por 100 mil habitantes, segundo as regiões de desenvolvimento – 2006/2007/2008

Regiões de Desenvolvimento	2006		2007		2008	
	vítimas	taxas	vítimas	taxas	vítimas	taxas
Mata Norte	274	50,7	230	42,6	214	39,6
Mata Sul	340	50	428	62,8	406	59,3
Agreste Central	462	46,8	420	42,3	459	45,6
Agreste Meridional	215	35	215	34,8	265	42,5
Agreste Setentrional	172	35,5	172	35,2	198	40
Sertão Central	23	14	39	23,5	35	21
Sertão de Itaparica	43	34	43	33,5	77	59
Sertão do Araripe	64	21,7	76	25,5	88	29
Sertão do São Francisco	216	54,6	180	44,4	171	41
Sertão do Moxotó	76	38,3	86	42,8	88	43,2
Sertão do Pajeú	73	23,7	74	23,9	77	24,6
Metropolitana	2.658	73,4	2.617	71,2	2.445	65,6
Pernambuco	4.638	55,1	4.592	54	4.523	52,6

Fonte: Infopol/SDS/PE

13 Mata Sul abrange os municípios de Água Preta, Amaraji, Barreiros, Belém de Maria, Catende, Chã Grande, Cortês, Escada, Gamelira, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Maraiial, Palmares, Pombos, Primavera, Quipapá, Ribeirão, Rio Formoso, São Benedito do Sul, Sirinhaém, São José da Coroa Grande, Tamandaré, Vitória de Santo Antão e Xexéu.

14 A média das taxas de homicídio por 100 mil habitantes em Ribeirão é de 52,3 em uma série histórica de mais de 10 anos (1996 a 2008). O ano de pico é 2008, com uma taxa de 68 homicídios por 100 mil habitantes (dados preliminares do SIM, 2008).

15 É importante destacar que há na literatura especializada nas causas da violência, sobretudo dos homicídios, autores que tratam do impacto do tráfico de drogas na criminalidade violenta (NÓBREGA, ZAVERUCHA e ROCHA, 2009). Contudo, há uma lacuna em estudos específicos sobre o crack e a sua relação com a violência homicida.

A Tabela 2 assinala crescimento na maioria das regiões de desenvolvimento. Na Mata Sul¹³, houve um aumento nos números absolutos de 88 ocorrências entre 2006 para 2007, o que gerou um aumento percentual de 26%. A taxa de homicídios saltou de 50 para 63, um incremento de 13 mortes violentas intencionais por 100 mil habitantes, o que resultou em um acréscimo de 12% na taxa. Em 2008, a região apresentou uma pequena queda nas mortes em números absolutos: menos 22 mortes em relação a 2007, com diminuição de 5%. Em termos de taxas, decresceu de 63 para 59,3, um declínio percentual de 6,5% nas taxas de homicídios por 100 mil habitantes.

Municípios localizados na Mata Sul vêm aparecendo constantemente nos noticiários com intensa atividade de tráfico de drogas, sobretudo o crack, o que pode ser um indicador para o aumento da violência nessa região. Muitos dos carregamentos de drogas descobertos pelas polícias expostos na imprensa vêm de São Paulo, apontando para um processo migratório da criminalidade organizada do Sudeste para o Nordeste. Em Ribeirão¹⁴, foi executada uma apreensão recorde de crack¹⁵ em outubro de 2009: mais de 10Kg do entorpecente, oriundos do estado de São Paulo (JORNAL DO COMMERCIO, 05/06/2009).

O Agreste Central¹⁶ apresentou um crescimento nos números de homicídios/mortes por agressão/CVLI de 2007 para 2008, depois de ter decrescido entre 2006 e 2007. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes em 2006 foi de 46,8; em 2007, caiu para 42,3; e em 2008, voltou a crescer para 45,6. Entre 2007 e 2008 o incremento percentual nos números absolutos foi de quase 10%, saltando de 420 para 459 mortes, em um total de quase 40 assassinatos a mais entre um ano e outro.

O Agreste Meridional¹⁷ apresentou estabilidade nos números absolutos de CVLI entre 2006 e 2007, 215 assassinatos, com taxas de 35 e 34,8 homicídios por 100 mil habitantes, respectivamente, demonstrando queda nas taxas, efeito do crescimento de sua população. Contudo, em 2008 houve um incremento de 40 assassinatos a mais em relação a 2007, o que elevou a taxa para 42,5, ou seja, houve um impacto percentual de 22%. Garanhuns, principal município dessa região, graças a seu peso econômico e político, alavanca os números e vem apresentando indicadores elevados por mais de 10 anos.

O mesmo tipo de incremento repete-se no Agreste Setentrional¹⁸. Ali, os homicídios se mantiveram em 172 mortes em 2006 e 2007, com taxas de 35,5 e 35,2 praticamente estáveis, como os números absolutos. No entanto, em 2008 houve um incremento de 26 assassinatos nessa região, o que elevou as taxas de homicídio para 40 por 100 mil habitantes, ou seja, houve um impacto de 15% em relação a 2006. Limoeiro, Santa Cruz do Capibaribe e Surubim destacam-se como as cidades mais violentas, com maior relevância para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

No Sertão Central¹⁹ também houve incremento nos números absolutos de um ano para outro. Em 2006, ocorreram 23 homicídios; em 2007, esse número cresceu para 39, quase dobrando em termos absolutos, e a taxa saltou de 14 para 23,5. Em 2008, a região apresentou uma pequena redução para 35 mortes por agressão, com a taxa ficando em 21 homicídios por 100 mil habitantes, ou menos de 1% em relação ao ano anterior. Salgueiro, que faz parte do Polígono da Maconha²⁰, vem tendo impacto significativo na atividade do tráfico de drogas. Em julho de 2009, a Polícia Federal apreendeu mais de 10Kg de cocaína na cidade (JORNAL DO COMMERCIÓ, 30/06/2009).

16 Fazem parte dessa região: Agrestina, Alagoinha, Altinho, Barra de Guabiraba, Belo Jardim, Bezerros, Brejo da Madre de Deus, Cachoeirinha, Camocim de São Félix, Caruaru, Cupira, Gravatá, Jataíba, Lagoa dos Gatos, Panelas, Pesqueira, Poção, Riacho das Almas, Sairé, Sarnharó, São Bento do Uma, São Caitano, São Joaquim do Monte e Tacaimbó.

17 Agreste Meridional: Águas Belas, Angelim, Bom Conselho, Brejão, Buíque, Caetés, Calçado, Canhotinho, Capoeiras, Correntes, Garanhuns, Iati, Itaíba, Jucati, Jupi, Jurema, Lagoa do Ouro, Lajedo, Palmeirinha, Paratama, Pedra, Saloá, São João, Terezinha, Tupanatinga e Venturosa.

18 Agreste Setentrional: Bom Jardim, Casinhas, Cumaru, Feira Nova, Frei Miguelinho, João Alfredo, Limoeiro, Machados, Orobó, Passira, Salgadinho, Santa Cruz do Capibaribe, Santa Maria do Cambucá, São Vicente Férrer, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama, Vertente do Lério e Vertentes.

19 Fazem parte do Sertão Central: Cedro, Mirandiba, Parnamirim, Salgueiro, São José do Belmonte, Serrita, Terra Nova e Verdejante.

20 O Polígono da Maconha é conhecido como uma região de intensa produção de maconha. É composto por 14 municípios: Belém do São Francisco, Cabrobó, Carnaubeira da Penha, Floresta, Ibirimir, Lagoa Grande, Orocó, Petrolina, Salgueiro, Santa Maria da Boa Vista, Petrolândia, Itacuruba, Tacaratu e Mirandiba (OLIVEIRA, 2007).

Apesar de necessitar de informações mais consistentes a respeito, naquele trecho há indícios de envolvimento de políticos eleitos e de alguns outros atores políticos (como policiais e outros agentes do Estado) na facilitação do desenvolvimento do tráfico de drogas. Além disso, a demanda vem aumentando entre os habitantes da região. Outro dado importante está atrelado ao ganho bem mais lucrativo na produção de maconha que de alimentos, levando muitos agricultores a ingressarem na atividade ilegal²¹.

Essas informações, no entanto, não explicam de forma satisfatória o crescimento dos homicídios nessas regiões, dada a sua fragilidade. Em Floresta, Itacuruba e Carnaubeira da Penha, por exemplo, a maioria dos homicídios tem como motivação acertos de contas ou “rixas”. Muitos outros apresentam como explicação para o crime a “vingança”. Poucos assassinatos mostram justificativa por dívida de drogas. Essas cidades fazem parte do Polígono da Maconha. Todavia, a droga parece não estar relacionada à maioria dos homicídios lá praticados (BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR DO SERTÃO DE PERNAMBUCO, 2008). O que não exaure a discussão, pois crimes motivados por “vingança” e/ou “rixa” podem estar relacionados a drogas ou a consumo de bebidas alcoólicas²².

O Sertão de Itaparica²³ vinha apresentando estabilidade em 2006 e 2007 em seus números absolutos de mortes por agressão, com 43 assassinatos em cada um desses anos. As taxas por 100 mil foram de 34 e 33,5, respectivamente, para aqueles anos. Em 2008, os números cresceram em 34 mortes, ou seja, um impacto percentual de mais de 75% nos números absolutos, elevando a taxa por 100 mil para 59, praticamente dobrando-as. Boa parte dos municípios da região está envolvida no Polígono da Maconha, excluindo Jatobá e Petrolândia. Há intensa atividade de tráfico nessa região. Floresta é uma cidade local constantemente referenciada pela mídia como sendo ponto de comércio e de negociação intensa de traficantes.

O Sertão do Araripe²⁴ é outra região que mostrou crescimento dos homicídios. O número de mortes em 2006 foi de 64. Em 2007, sofreu um acréscimo de mais 12 mortes, ou um aumento de 20% nos números absolutos. A taxa saltou de 21,7 para 25,5. A corrupção e a grande fragilidade do aparato coercitivo parecem

21 Em 2009, a Polícia Federal destruiu mais de 1,6 milhão de pés de maconha nessa região. A Operação Catingueira teve como foco 16 cidades entre as quais Salgueiro, Belém do São Francisco, Serra Telhada e Afogados da Ingazeira. Ela fez quatro grandes investidas no Sertão, nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro. Com a destruição das lavouras, 549 toneladas da droga deixaram de ser comercializadas (JORNAL DO COMMERCIO, 31/10/2009). Não obstante, os criminosos migraram para outras práticas, como roubos, assaltos e sequestros. Do mesmo modo, com o esfacelamento dos “negócios” ligados ao tráfico de maconha estimulou-se a comercialização do crack.

22 A honra é vista como um “valor” importante para o sertanejo. Machado (13/09/2009) mostrou em matéria jornalística o impacto da honra no sertão pernambucano. Contudo, “medir” variáveis culturais ainda é um grande desafio para as ciências sociais. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, ver Nóbrega Júnior (2010).

23 Sertão de Itaparica: Belém do São Francisco, Carnaubeira da Penha, Floresta, Itacuruba, Jatobá, Petrolândia e Tacaratu.

24 Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade.

ser pontos que interferem nesse incremento. Em 2008, houve mais um impacto positivo nos números, com mais 12 mortes em relação a 2007, e a taxa saltando para 29 homicídios por 100 mil habitantes e incremento percentual de 12,5%. Especula-se sobre a participação de prefeitos e outros políticos em atividades criminosas em algumas cidades dessa região.

O Sertão do Moxotó²⁵ também mostrou aumento em seus indicadores. Foram registrados 76 em 2006. O ano de 2007, com 10 mortes de incremento, registrou 86 assassinatos, com a taxa saltando de 38,3 para 42,8, ou 11,2% de aumento. Em 2008, os números voltaram a apresentar aumento. Foram 88 assassinatos, com uma taxa por 100 mil habitantes de 43,2 mortes desse tipo. Ibimirim faz parte do Polígono da Maconha e Arcoverde tem a atividade econômica mais robusta na região, fatores que podem potencializar a atividade criminosa.

O Sertão do Pajeú²⁶ igualmente vem apresentando aumento em seus números. Em 2006, com 73 mortes; 2007, com 74; e 2008, com 77 assassinatos. A taxa saltou de 23,7, em 2006, para 24,6, em 2008, ou um incremento percentual de 4% na taxa. Serra Talhada, município que se destaca em seus números de mortes por agressão, é a principal cidade dessa região em termos políticos e econômicos e vem sendo citada como importante ponto no comércio de drogas.

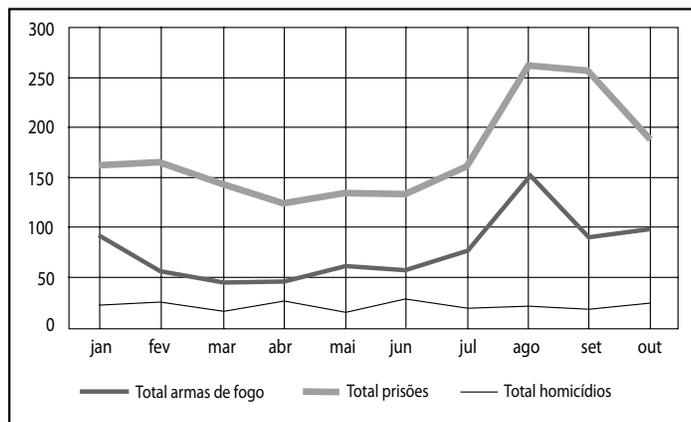
As reais causas para essa dinâmica precisam ainda ser explicadas, o que perpassa a proposta aqui exposta. Dados do policiamento militar do Sertão apontam para o crescimento das prisões, e isso está refletido no crescimento da população carcerária de Pernambuco, que de 2000 a 2007 mais que dobrou (Depen/InfoPEN, 2008). A PM sertaneja vem apreendendo armas e efetuando prisões, juntamente com a Polícia Civil, de forma crescente, mas isso não tem produzido reflexo na redução dos homicídios.

O Gráfico 6 apresenta os dados de prisões, apreensão de armas e total de homicídios. Percebe-se que há incremento das prisões e apreensões entre julho e agosto. Uma queda em setembro, com o dado de outubro incompleto (o balanço do mês não havia sido fechado). Isso ilustra um pouco a afirmação anterior no que tange ao trabalho da polícia, porém os dados são parcos para qualquer inferência mais sofisticada.

25 Compreende as cidades de Arcoverde, Betânia, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari e Sertânia.

26 Compreende Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaracy, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezi- nha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama.

Gráfico 6 – Resultados de prisões, apreensão de armas de fogo e homicídios em Serra Talhada entre janeiro e outubro de 2008



Fonte: Polícia Militar do Sertão de Pernambuco (2008, dados não consolidados para outubro)

Alguns dos municípios mais populosos de Pernambuco apontam também incrementos positivos nos indicadores de violência, apesar do pequeno decréscimo nos dados agregados do estado. Em Recife (capital), houve redução na taxa, que caiu de 72 para 63 por 100 mil habitantes, de 2006 para 2008. Isto indica a tendência de queda na Região Metropolitana de Recife, refletindo no total dos homicídios ocorridos no estado.

Como demonstra a Tabela 3, Caruaru, Garanhuns, Paulista, Cabo de Santo Agostinho e Vitória de Santo Antão confirmaram aumentos importantes nas taxas, com destaque para os dois últimos municípios. O ponto marcante em termos de melhoria das condições de segurança pública foi para Petrolina, que faz parte do Polígono da Maconha, mas que teve redução significativa em sua taxa, decaindo de 59,5 em 2006 para 48 em 2008, uma redução na ordem de 20%. Isso indica, por outro lado, que se mostra frágil a ideia de estabelecer uma simples relação entre tráfico de drogas e homicídios, sem levar em consideração outros aspectos, como o crescimento da atividade econômica – que pode gerar mais oportunidades de emprego e, por sua vez, mais dinheiro em circulação e, consequentemente, consumo de drogas e álcool e práticas de crimes contra o patrimônio – ou o papel das políticas públicas de segurança²⁷.

27 Petrolina vem conseguindo reduzir seus indicadores de homicídios de forma significativa. De janeiro a junho de 2009, foi de 35% a redução nos números de homicídio em relação ao mesmo período de 2008. A causa atribuída a isto está atrelada às políticas públicas de segurança (ALBUQUERQUE, 04/07/2009).

Tabela 3 – Pernambuco: taxa anual de criminalidade violenta letal e intencional da população total por tamanho da população

Municípios	2006	2007	2008
Cabo de Santo Agostinho	86,4	97,84	104
Camaragibe	60,5	48,3	48,6
Caruaru	57,9	50,6	54,3
Garanhuns	37,9	45,5	62,5
Jaboatão dos Guararapes	84,4	82,2	74
Olinda	71	67,8	68
Paulista	61,6	64,7	55,6
Petrolina	59,5	49,6	48
Recife	72	68	63
Vitória de Santo Antão	55,5	65,1	71,3
Pernambuco	55,1	54	52,5

Fonte: Infopol/SDS/PE

Apesar de algumas reduções nas taxas e da captura de alguns grupos ilícitos, como os chamados “Thunder Cats”, em Jardim São Paulo²⁸, a manutenção do tráfico de drogas, da interiorização da sistemática do tráfico, da migração do crime do Sudeste para o Nordeste, da participação de policiais em grupos de extermínio e milícias fora da lei, da ineficácia do processo de investigação por parte da Polícia Civil, da lentidão da Justiça, da fragilidade no controle da *variável jovem* e do abandono do sistema penitenciário são fatores decisivos para a manutenção das altíssimas taxas de homicídios em Pernambuco (NÓBREGA JÚNIOR, 2010).

Conclusões

Pela dinâmica apresentada, percebe-se que o crescimento dos números de homicídio no Nordeste, em geral, e em Pernambuco, em particular, nas últimas décadas é expressivo. As taxas de crimes de morte por 100 mil habitantes ultrapassam os 30 na região, hoje a mais violenta do país. A média nacional é de 25,6 por 100 mil; e a do Sudeste, 20,5 por 100 mil (dados do SIM, de 2008). E, apesar de o Nordeste ter menor densidade demográfica que o Sudeste²⁹, registra, como se vê, 10 homicídios por 100 mil habitantes a mais que o Sudeste. No Nordeste, praticamente todos os estados têm tido níveis altos de crescimento em seus números absolutos de homicídios. O destaque é a Bahia, de longe o estado com o maior incremento percentual em números absolutos, 430% na série histórica 1999-2008.

28 Grupo de extermínio e milicianos que praticavam (praticam) uma série de ilícitudes (inclusive assassinatos) em troca de “segurança” no bairro de Jardim São Paulo, no Grande Recife, onde há uma das mais altas taxas de homicídio do Recife.

29 De acordo com o IBGE, a estimativa populacional para o Nordeste em 2008 era de 53.088.499 habitantes, contra 80.187.717 para o Sudeste.

As regiões de desenvolvimento de Pernambuco vêm apresentando comportamento variado em suas taxas de homicídio. Os dados da Tabela 2 demonstraram que apenas as regiões da Mata Norte, do Sertão do São Francisco e a Região Metropolitana de Recife constataram decréscimo contínuo em suas taxas de homicídio, e apenas entre 2006 e 2008 – dado por demais recente para indicar uma inflexão histórica nos dados. O restante registrou, pelo menos em dois anos, aumento nas taxas, contribuindo para a tese da interiorização da criminalidade violenta (WAISELFSZ, 2008).

É notícia constante nos jornais a evolução do tráfico de drogas e do crime organizado, com participação de políticos e agentes do estado na conjuntura da criminalidade organizada (NÓBREGA JÚNIOR, 2010). Há vasta literatura sobre o crime organizado, tráfico de drogas e sua relação com a violência, incluindo os homicídios, no Brasil. Estudos precursores, como os de Alba Zaluar (1985) e Antônio Luis Paixão (1988), foram fundamentais para a análise dessa relação. Contudo, poucos trabalhos se utilizaram de métodos estatísticos de relação/associação mais sofisticados para usar como variável independente as drogas ou o tráfico de drogas, relacionando-os às taxas de homicídio. Como os dados a respeito são parcos, a comprovação conclusiva dessa relação só pode ser feita no campo da análise qualitativa, baseada em questionários ou em mecanismos de entrevistas, faltando informações quantitativas que possam dialogar com as aqui apresentadas³⁰. Além disso, pouquíssimos trabalhos têm dado atenção ao Nordeste, tendo havido ênfase preferencial na Região Sudeste. Isso tudo sugere a necessidade de estudos específicos de caráter quantitativo sobre o crime organizado no interior de Pernambuco, especialmente para apurar a relação entre o crescimento das atividades relacionadas ao tráfico de drogas e os crimes violentos contra a vida nas diversas regiões do estado.

Outra informação relevante é o incremento nas taxas de homicídio em municípios pernambucanos com população acima de 150 mil habitantes. Garanhuns, Caruaru, Vitória de Santo Antão, Cabo de Santo Agostinho e Paulista apresentaram crescimentos constante nos três anos analisados com os dados do governo (Infopol/SDSPE). Cabo de Santo Agostinho impressiona por sua elevada taxa em

30 Baseado no trabalho de John Elster (1989), Oliveira (2007) analisou as peças e os mecanismos do tráfico de drogas e do crime organizado no Brasil. Demonstrou que as relações entre os atores políticos institucionais são fator decisivo para o sucesso da engrenagem do crime organizado e que a participação de agentes do estado na condução da criminalidade é praticamente a regra. No que diz respeito aos homicídios no Nordeste, o autor afirmou haver pouca relação entre o tráfico de drogas e a violência homicida no Polígono da Maconha.

2008: 104 homicídios por 100 mil habitantes. O município é “beneficiado” com o Porto de Suape, que vem comportando uma série de investimentos, nacionais e internacionais, mas, mesmo com o crescimento econômico proporcionado pelo porto, a cidade apresenta números extremos de mortes violentas letais e intencionais. O que pode ser apontado como uma variável inversa: mais crescimento econômico potencializando os homicídios.

Por fim, no que diz respeito à distribuição etária, as variáveis sugerem que os jovens são os mais vitimados. Contudo, o Gráfico 4 – que demonstra os números absolutos de homicídios praticados com arma de fogo – aponta para altos níveis de violência homicida em pessoas com mais de 35 anos de idade, comprovando que os homicídios no estado vêm ceifando vidas que perpassam a variável juvenil.

Referências

Livros e artigos:

CANO, Ignacio [e] RIBEIRO, Eduardo. (2007), “Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: Dados, políticas públicas e perspectivas”. Em: CRUZ, Marcus Vinicius G. da [e] BATITUCCI, Eduardo C. (orgs). *Homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV.

ELSTER, John. (1989), *As peças e as engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

GAVIRIA, Alejandro. (2000), “Increasing Returns and Evolution of Violent Crime: The Case of Colombia”. *Journal of Development Economics*, Vol. 61.

KAHN, Tulio [e] ZANETIC, André. (2009), “O papel dos municípios na segurança pública”. *Coleção Segurança com Cidadania, Ano 1, nº 1, Subsídios para Construção de um Novo Fazer Segurança Pública*.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria P. da. (2009), “Homicídios em Pernambuco: Dinâmica e relações de causalidade”. *Coleção Segurança com Cidadania, Vol. 1, nº 3, Homicídios: Políticas de controle e prevenção no Brasil*.

_____. (2010), *Os homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: Dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco.

_____; ZAVERUCHA, Jorge [e] ROCHA, Enivaldo C. da. (2009), “Homicídios no Brasil: Revisando a bibliografia nacional e seus resultados empíricos”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, nº 67, pp. 75-94.

_____; ROCHA, Enivaldo C. da [e] SANTOS, Manuel Leonardo. (2009), “Os determinantes da criminalidade violenta no Brasil (1995-2004)”. Trabalho apresentado do Congresso de 2009 da Associação de Estudos Latino-Americanos (Lasa), Rio de Janeiro.

- O'DONNELL, Guillermo. (1998), "Accountability horizontal e novas poliarquias". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 44.
- OLIVEIRA, Adriano. (2007), Tráfico de drogas e crime organizado: Peças e mecanismos. Curitiba, Juruá.
- PAIXÃO, Antônio Luis. (1988), "Crime, controle social e consolidação da democracia". Em: REIS, Fábio Wanderley [e] O'DONNELL, Guillermo (orgs). A democracia no Brasil: Dilemas e perspectivas. São Paulo, Vértice.
- RUBIO, Mauricio. (1999), Crimen e impunidad: Precisiones sobre la violencia. Santafé de Bogotá, Tercer Mundo.
- SÁNCHEZ TORRES, Fabio. (2007), Las cuentas de la violencia: Ensayos económicos sobre el crimen y el conflicto. Bogotá, Norma/Economía Universidad de los Andes.
- SOARES, Gláucio A. D. (2008), Não matarás: Desenvolvimento, desigualdade e homicídios. Rio de Janeiro, FGV.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. (2008), Mapa da violência dos municípios brasileiros – 2008. Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA)/Instituto Sangari/Ministério da Saúde e Ministério da Justiça.
- ZALUAR, Alba. (1985), A máquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo, Brasiliense.

Textos de jornais:

- ALBUQUERQUE, Roseanne. (04/07/2009), "Petrolina consegue reduzir 35,5% o número de homicídios". Jornal do Commercio. Disponível (on-line) em: <http://www.pebodycount.com.br/post/comentarios.php?post=1079>
- JORNAL DO COMMERCIO. (05/06/2009), "Pasta base de cocaína apreendida em Salgueiro". Capa Dois, p. 2.
- JORNAL DO COMMERCIO. (30/06/2009), "Prefeito de Exu é detido com armas". Capa Dois, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. (20/10/2009), “Apreensão recorde de crack”. Cidades, p. 1.

JORNAL DO COMMERCIO. (31/10/2009), “PF destruiu 1,6 milhão de pés de maconha este ano”. Cidades, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. (24/04/2009), “Xeque-mate em quadrilha de PMs”. Cidades, p. 1.

JORNAL DO COMMERCIO. (29/04/2009), “Mais policiais no comando do crime”. Cidades, p. 2.

MACHADO, Eduardo. (13/09/2009), “Cabeça de matador”. Jornal do Commercio. Especial JC.

Bancos de dados e estatísticas oficiais:

BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR DO SERTÃO DE PERNAMBUCO. (2008), Banco de Dados sobre Criminalidade, Autorias de Homicídios, Prisões e Apreensão de Armas de Fogo.

DEPEN/INFOPEN. (2008), Departamento Penitenciário Nacional. Sistema de Informação Penitenciária (Infopen). Dados Consolidados. Ministério da Justiça.

IBGE. (2003), Síntese de indicadores sociais. Estudos & Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBGE. (2006), Síntese de indicadores sociais. Estudos & Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SIM/DATASUS. (2008), Dados de mortes por agressão do Banco de Dados do Subsistema de Informações sobre Mortalidade do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde.